

# GÁLATAS: DISCURSO E REALIDADE

## Elementos de uma leitura conflitual

*Clodoaldo Moreira dos Santos Júnior\**  
*Roberto Francisco de Oliveira\*\**

### **Resumo**

*A Carta aos Gálatas, de autoria paulina, aborda uma problemática urgente e definitiva para as primeiras comunidades cristãs. Gerado no ventre judaico, o segmento de Jesus tinha que optar pela sua autonomia ou pela vinculação ao judaísmo oficial. Desligando-se da matriz que o gerou, corria o sério risco de perder os privilégios político-sociais que o cercariam e, mais ainda, colocar-se sob o signo da ameaça imperial. Entre Israel e Jesus estava Roma. Paulo, nessa missiva, assume a causa da liberdade definitiva, quebrando os paradigmas-chave que porventura prendiam o movimento de Jesus à sua matriz judaica. Sem os grilhões da circuncisão, sem a lei do puro/impuro, sem a vigilância da Torá deveriam os cristãos caminhar na dispensação da graça. Tal liberdade, em Paulo, ganha impulso universalista: no novo Reino não perduram classificações de gênero e etnia, mas todos são iguais perante Deus.*

**Palavras-chave:** *Etnia. Circuncisão. Gênero. Império Romano. Liberdade.*

### **Abstract**

*The epistle of St. Paul to the Galatians addresses an urgent problematic that was decisive for the early Christian communities. Generated in a Jewish womb, the Jesus' group had to do an option between its own autonomy or linking itself to the official Judaism. By disconnecting itself from the matrix that produced it, it took the risk of losing its political and social privileges and, furthermore, of putting itself under the sign of imperial threat. Between Israel and Jesus there was Rome. Paul, in this epistle, takes up the cause of ultimate freedom, breaking the key paradigms that may bound the Jesus' movement to its Jewish matrix. Without the shackles of circumcision, without the law of pure/impure, without the surveillance of the Torah, Christians should walk*

\* CLODOALDO MOREIRA DOS SANTOS JÚNIOR. Doutorando em Ciências da Religião (PUCGO), Professor da PUCGO, UFG, Uni-Anhanguera.

\*\* ROBERTO FRANCISCO DE OLIVEIRA. Doutorando em Ciências da Religião (PUCGO), Professor da Faculdade Católica de Uberlândia.

*in the dispensation of grace. Such freedom gets a universalist impulse with Paul: in the new Kingdom there is no classification of gender and ethnicity, but everyone is equal before God.*

**Keywords:** *Ethnicity. Circumcision. Gender. Roman Empire. Freedom.*

## 1. Contextualização

Quando as levas de hebreus, resgatadas por Ciro do território mesopotâmico, se reinstalaram na Palestina, as personalidades de Esdras e Neemias marcariam os limites bem precisos da religião, que passariam a tutelar doravante os antigos exilados. O Judaísmo sistêmico emerge das potências governantes da Palestina pós-exílica. E, em sua essência, o judaísmo converte-se numa religiosidade hermética, fechada em si mesma. O hebreu pós-babilônico não se abria ao diferente porque se acreditava detentor de uma revelação particular não inclusiva. De um lado não se permitia contaminar-se com elementos estrangeiros e de outro lado não aceitava fornecer a outras religiosidades elementos próprios do judaísmo. Via-se, portanto, como o povo eleito e o único com direitos junto à divindade. “*O Estado judeu podia, como ocorreu, sucumbir a impérios, mas sua expressão religiosa sobrevivia, florescia e resistia violentamente à mudança ou à assimilação cultural*”<sup>1</sup>. Não havia no judaísmo a pretensão de se tornar uma religião universal.

Notemos, contudo, nalgumas passagens do Antigo Testamento determinados acentos universalistas, como os encontrados no apêndice escatológico do livro profético do Trito-Isaías:

“Eu virei, a fim de reunir todas as nações e línguas; elas virão e verão a minha glória. Porei um sinal no meio deles e enviarei sobreviventes dentre eles às nações: a Társis, a Fut, a Lud, a Mosoc, a Tubal e a Java, às ilhas distantes que nunca ouviram falar a meu respeito, nem viram a minha glória. Estes proclamam a minha glória entre as nações, e de todas as nações trarão todos os vossos irmãos como uma oferenda a Iahweh, montados em cavalos, em quadrigas, em liteiras, em mulos e em camelos, à minha montanha santa, Jerusalém, diz Iahweh, exatamente como os israelitas costumam trazer a oblação à casa de Iahweh em vasos puros” (Is 66,18-21).

Tais passagens pertencem a um período chamado tardo-judaísmo, em que o judaísmo começa a se abrir a novos horizontes e levantar profundos questionamentos ao modelo religioso de Esdras. Porém, estas tendências tardo-judaicas não servem para caracterizar o judaísmo como um todo, em si mesmo não dando aberturas.

O cristianismo, ao contrário, já nasce como religião universalista. É explícito o mandato de Jesus: “*Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei*” (Mt 28,18-20a). De fato, a vida inteira do após-

1. JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Trad. Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 18.

tolo Paulo não consistiu noutra coisa senão em levar o cristianismo para além das fronteiras palestinianas. Mas, sendo o cristianismo uma realidade gestada no ventre hebreu, como entender tamanha disparidade?

Se de um lado constatamos determinadas rupturas do cristianismo nascente com o judaísmo, de outro lado devemos igualmente constatar que não houve entre os primeiros cristãos uma pretensão de originalidade religiosa. Nunca o cristianismo se apresentou como religião nova, mas sempre como continuadora do judaísmo, a herdeira da promessa messiânica. O movimento de Jesus representava a realização das promessas arcanas feitas pelo imaginário religioso hebraico. Se todo judeu não era cristão; todo cristão era judeu (não no sentido étnico, mas na maneira religiosa, na fé que abraçava). Cumpre, pois, designar os elementos que prendiam o cristianismo nascente ao judaísmo e os elementos que apartavam as doutrinas cristãs e judaicas. No Movimento de Jesus há elementos do passado judaico irrenunciáveis. Estes elementos se encontram nas Escrituras veterotestamentárias: o monoteísmo (unicidade da divindade), o messianismo, a doutrina da imortalidade explicada pelo mundo judaico, a doutrina da ressurreição derivada da apocalíptica judaica, dentre outros. Existe, pois, uma inegável continuidade cristã que não se desprende do passado de Israel. Os autores do Novo Testamento se esforçaram sobremaneira para demonstrar a validade dessa continuidade. Mateus, por exemplo, cita textualmente a profecia messiânica de Isaías 7,14 (*Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel*), para demonstrar que Jesus era o eleito de Javé predito nas escrituras judaicas. O Apocalipse construirá a imagem da Igreja como uma nova Jerusalém. O autor dos Atos dos Apóstolos mentalizará essa continuidade entre Israel e a Igreja na vida das primeiras comunidades.

Contudo, se os cristãos se interessavam por manterem intactos determinados elementos do passado judaico, cuidaram igualmente em promover uma ruptura cada vez mais acelerada de outros elementos judaicos que serviam de entrave ao desenvolvimento cristão. Houve a preservação de alguns elementos do passado e a futura desintegração de outros elementos. Portanto, uma continuidade regressiva e uma descontinuidade progressiva. O futuro deveria ser diferente. Mas, que elementos deveriam ser rejeitados do judaísmo para o cristianismo nascente? A *Torah*, elemento essencial do judaísmo rabínico, se converte em problemática para os seguidores de Jesus:

“Mesters e Orofino falam que entre os anos 30 e 40 aparecem divergências que já existiam no judaísmo e que, ao longo dos anos, foram se acentuando nas comunidades cristãs. Numa ponta estava o grupo de Estêvão, ligado aos judeus da diáspora que procurava inculturar o Evangelho no mundo helenista. Na outra ponta, o grupo dos judeus ligados aos escribas e fariseus de Jerusalém, simpatizantes da Lei de Moisés. No meio, o grupo da Galileia e o dos samaritanos. Aí vemos, ao mesmo tempo, uma grande riqueza de vivência do Evangelho e, ao mesmo tempo, muitas tensões e conflitos”<sup>2</sup>.

2. FERREIRA, Joel. *Paulo, Jesus e os marginalizados: Leitura conflitual do Novo Testamento*, p. 85.

Paul Johnson verifica que o judaísmo não constituía um bloco monolítico. Havia os fariseus, saduceus, essênios e zelotas, que, em geral, constituíam grupos de oposição e constata uma pluralidade de vertentes judaicas: “O judaísmo palestino não era uma religião unitária, mas um conjunto de seitas: é possível, mesmo a partir de fontes fragmentárias, enumerar até 24”<sup>3</sup>. O grupo vinculado ao farisaísmo de época foi, posteriormente, heretizado e cognominado grupo dos judaizantes.

Estudos mais avançados nos dirão das reais intenções desse grupo que, mesmo convertido à mensagem cristã, insistia na hibridização do novo odre com o velho. Razões unicamente religiosas o moviam, como a discussão da lei do puro x impuro? Interpenetravam-se motivos sociopolíticos? Possivelmente. Fato é que do ponto de vista sociológico não se fazia interessante aos seguidores de Jesus se desprenderem do ventre israelita que os gerou. Não queremos dizer, com isso, que os cristãos judaizantes considerassem uma espécie de vínculo genético, como filho e mãe, a manter com o judaísmo. Falamos, outrossim, do pressentimento que esta facção provavelmente tinha das consequências que sucederiam por tal afastamento. Consequências trágicas. A questão não se encerrava entre judaísmo e cristianismo. Entre um e outro estava Roma.

Dentro do Império Romano se misturavam as divindades das províncias vasalvas num forte sincretismo com os deuses da Grécia e Roma. “Na época de Cristo havia centenas desses cultos, talvez milhares de subcultos”<sup>4</sup>. Esse fenômeno de pluralidade turvava uma clareza de opinião que Roma pretendesse forjar do nascente movimento de Jesus. Certamente, o Império imaginava o movimento de Jesus como mais uma facção judaica do I século. “Desde o momento em que haja ordem e tudo funcione corretamente, o governo imperial não se preocupa com pormenores”<sup>5</sup>. O primeiro benefício que o Cristianismo nascente receberá da paz romana será a proteção da lei<sup>6</sup>. Assim, enquanto Roma entendia o movimento de Jesus como expressão judaica, os seguidores de Cristo experimentaram certa liberdade e tranquilidade. “Em especial, Roma era tolerante para com as duas grandes culturas filosóficas e religiosas com que se confrontava no Mediterrâneo central e no oriental: o helenismo e o judaísmo”<sup>7</sup>. “Todos os povos conquistados que haviam sido absorvidos pelo império dispunham de seus próprios deuses e deusas”<sup>8</sup>. Era por assim dizer necessário o atrelamento inicial do cristianismo com o judaísmo, por questão de sobrevivência da primeira parte.

3. JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*, p. 25.

4. JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*, p. 17.

5. ROPS, Daniel. *História da Igreja de Cristo I*, p. 133.

6. Op. cit., 135.

7. JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*, p. 14.

8. Op. cit., 15. Daniel Rops se questiona como era possível Roma, tão democrática nas questões religiosas, investir contra os cristãos: “Sobre que se fundava então o *Institutum neronianum* para recusar ao Cristianismo os direitos de que gozavam em Roma tantas religiões orientais e para considerar a nova fê como uma *superstitio illicita*?” (ROPS, *História da Igreja de Cristo I*, p. 189).

Em linhas gerais, podemos dizer que o movimento de Jesus foi paulatinamente heretizado por Roma na proporção em que se ia distanciando do Judaísmo e sendo por este rejeitado. Enquanto o Império entendia a seita do Caminho como uma expressão a mais do Judaísmo oficial, manteve-se numa posição de serenidade. Mas a separação judeu-cristã foi inevitável. O ápice desse processo se deu por volta dos anos 90, ao sul da Palestina, num sínodo farisaico em Jâmnia. O sínodo aconteceu sob a liderança do rabino Yochanan bem Zakai. Destinou-se a buscar um rumo novo para o Judaísmo após a destruição do Templo de Jerusalém, nos anos 70. Uma das medidas de Jâmnia consistia em delimitar a própria Escritura sagrada judaica. Para estabelecer as regras que caracterizariam os livros sagrados foram estipulados os seguintes critérios: O livro sagrado não pode ter sido escrito fora da terra de Israel; não pode ter sido escrito em língua aramaica ou grega (somente em hebraico); não pode ter sido escrito depois de Esdras (458-428 aC); não pode conter ensinamentos contrários aos da *Torah*. Essas medidas provocaram uma reação violentíssima dos judeus contra os cristãos. Estes foram expulsos das sinagogas, como os biblistas inferem da passagem de Mc 13,9-11:

“Ficai de sobreaviso. Entregar-vos-ão aos sinédrios e às sinagogas, e sereis açoitados, e vos conduzirão perante governadores e reis por minha causa, para dardes testemunho perante eles. É necessário que primeiro o Evangelho seja proclamado a todas as nações. Quando, pois, vos levarem para vos entregar, não vos preocupeis com o que havereis de falar; mas, o que vos for indicado naquela hora, isto falareis; pois não sereis vós quem falará, mas o Espírito Santo”.

Assim, diz Ferreira, “a Igreja de Jerusalém teria dificuldades para romper com o judaísmo porque este, historicamente, tinha suas regalias religiosas, políticas e econômicas: a *Religio Licita* concedida por Roma”<sup>9</sup>.

## 2. Redação da Carta

Miguel Salvador Garcia assim descreve a Galácia:

Os gálatas eram um povo de origem céltica das mesmas tribos da antiga Gália (hoje França). Seguindo o curso do Danúbio e atravessando a Macedônia, chegaram até a península da Ásia Menor – atualmente Turquia – em cuja parte central se instalaram depois de muitas andanças. As suas cidades mais importantes eram Ancira (a moderna Ancara, capital da Turquia), Pesinonte e Tavio. No ano 180 aC foram submetidos pelo cônsul romano Manlio Vulso e foi

9. FERREIRA, Joel. *Paulo, Jesus e os marginalizados*, p. 90. Noutra obra Joel Ferreira reexplicará melhor o estatuto privilegiado que os judeus haviam adquirido desde Júlio César: “A Igreja de Jerusalém teria dificuldades para romper com o judaísmo. Nasceu de um mesmo tronco, e a ligação era natural. Uma outra possibilidade de dificuldade de ruptura era porque o judaísmo, historicamente, tinha suas regalias religiosas, políticas e econômicas: a *religio licita* (religião permitida por lei) concedida por Roma” (FERREIRA, Joel. *Gálatas: a epístola da abertura de fronteiras*, p. 68).

constituída província romana da Galácia que incluía também outros territórios tanto ao norte, como, sobretudo, ao sul, com as importantes cidades de Icônio, Derbe, Listra, Antioquia da Pisídia etc. Paulo evangelizou estes territórios e cidades do sul durante a primeira viagem apostólica nos anos 45-49 dC (cf. At 13,13-14.24)<sup>10</sup>.

Quando Paulo se encontrava provavelmente em Éfeso lhe chegaram notícias de que suas comunidades da Galácia estavam imersas numa grave crise de identidade. Problema, aliás, não exclusivo da Galácia, mas que afetou o cristianismo nascente como um todo. Trata-se do problema dos judaizantes descrito no concílio de Jerusalém (48-49 dC) compilado em At 15,1-35. Mas o concílio decidiu favoravelmente por Paulo. A crise, pois, atinge a região sul da Galácia, evangelizada por Paulo antes das decisões do concílio de Jerusalém e não a parte norte, evangelizada depois dessa assembleia.

“Isto significaria também que a carta aos Gálatas teria sido escrita antes desta assembleia e seria o primeiro escrito, cronologicamente falando, do Novo Testamento, anterior inclusive à Primeira Carta aos Tessalonicenses. Esta é a tese de inúmeros estudiosos durante o século XIX (por exemplo, Renán, Ramsay etc.) e assim continuou-se defendendo até os nossos dias, embora na atualidade esta opinião tenha perdido muito espaço”<sup>11</sup>.

Os temas da Carta aos Gálatas fomentam a ruptura, e de maneira drástica. *A salvação vem pela fé* (2,15–4,31). Não são os laços de consanguinidade que nos prendem a Deus. A circuncisão e a mentalidade de eleição exclusiva que marcava o hebraísmo de Esdras são solapadas em Paulo. A Lei, igualmente, encontra sua falência em Paulo. *A alegoria de Sara e Agar* (4,21-31) parece demonstrar que a verdadeira condição de filhos de Abraão se adquire não por geração conforme a carne, mas segundo a promessa ou segundo o Espírito. Os cristãos que nasceram segundo o Espírito são os verdadeiros filhos de Abraão (Gl 6,16).

Desintegram-se as razões supostamente teológicas que justificariam o prolongamento histórico de práticas especificamente judaicas no seio do cristianismo nascente. A circuncisão perde sua força simbólica para um povo que se diz nascido da graça. Mudando-se a lógica, cai a estrutura.

O tema da liberdade (5,1–6,10) constitui núcleo de centralidade na carta. A salvação nos torna homens e mulheres livres. Paulo anuncia em Gl 3,28: “não há mais nem judeu nem grego; já não há mais nem escravo nem homem livre, já não há mais o homem e a mulher”. Dessa forma, a essência de sua fé judeu-cristã é o ser livre em Cristo. Não só a inferioridade ideológica da mulher como a escravidão sócio-político-econômica se tornam, pois, um problema estrutural para o cristianismo.

10. GARCIA, Miguel Salvador. *Carta aos Gálatas*, 499-500.

11. Op. cit., 501.

A carta se transforma num discurso de abertura a todos os povos, estendendo os benefícios do Evangelho de Cristo a todo o gênero humano, propondo igualdade e eliminando as diferenças, não só étnicas, mas também sociais e de gênero. E esta abertura se mostra em perfeita consonância como o modo de proceder do próprio Jesus Cristo, como se lê em Jo 4,7 quando Jesus pede água a uma mulher samaritana, ou quando expulsa o demônio da filha da mulher grega de origem siro-fenícia, em Mc 7,29. Ainda Mt 9,10 representará Jesus comendo com coletores de impostos e pecadores, e Lc 17,18 dirá da cura de dez leprosos, frisando aquele que era estrangeiro como o que regressa para glorificar a Deus.

### 3. A abertura étnica e de gênero

“Saindo dali, foi para o território de Tiro. Entrou numa casa e não queria que ninguém soubesse, mas não conseguiu permanecer oculto. Pois logo em seguida uma mulher cuja filhinha tinha um espírito impuro ouviu falar dele, veio e atirou-se a seus pés. A mulher era grega, siro-fenícia de nascimento, e lhe rogava que expulsasse o demônio de sua filha. Ele dizia: ‘Deixa que primeiro os filhos se saciem porque não é bom tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos’. Ela, porém, lhe respondeu: ‘É verdade, Senhor; mas também os cachorrinhos comem debaixo da mesa as migalhas das crianças!’ E ele disse-lhe: ‘Por causa desta tua palavra, vai: o demônio saiu da tua filha’. Ela voltou para casa e encontrou a filhinha atirada sobre a cama. E o demônio tinha ido embora” (Mc 7,24-30).

O *corpus* neotestamentário evidencia que o diferente não constituía problema relacional para Jesus e seus seguidores. Nosso divino Mestre e seus discípulos recebiam e estavam abertos tanto a pecadores como a não pecadores<sup>12</sup>. Caminhando na lógica do Mestre, Paulo e seu grupo recebiam israelitas e estrangeiros, ofertando a qualquer um igual tratamento e dignidade. A abertura paulina pode ser vislumbrada em tal grau que chegava a confundir os limites da solidariedade para com o diferente com a adesão aos ideais alheios, e por essa razão deviam Paulo e seus seguidores ser eliminados e obliterados como subversivos. Sendo eles israelitas de direito, não o eram de fato. A teologia paulina firma amizade e lealdade com os incorretos e maus da ideologia de Esdras.

Ora, consignando o axioma de que “não há mais judeu nem grego” (Gl 3,28), Paulo subvertia o antigo paradigma de heretização do não judeu. Traía seu próprio povo, sua raça, sua descendência. Rejeitava o patrocínio exclusivo de Javé para com Israel. Difundia a heresia. Destruía o sistema de crenças oficial. Comprometia a identidade da nação eleita. Renegava a circuncisão consuetudinária. O Apóstolo, de defensor acirrado do judaísmo, convertera-se em seu pior inimigo.

12. Cf. MALINA, Bruce J. *O evangelho social de Jesus: o reino de Deus em perspectiva mediterrânea*, 69.

As declarações de Paulo em favor da liberdade universal não agradariam ao absoluto e controlador Império. Quando Roma amadurece seu olhar sobre o movimento de Jesus, colide com o paulinismo acentuado da práxis libertacionista. A missiva aos gálatas dialogava negativamente com a máquina estatal romana, alicerçada no modo de produção escravista e no patriarcado, que é de “exploração de recursos naturais e humanos, de violência física, sexual e psicológica, contra todas as pessoas, de expansão e construção na base do trabalho escravo e da imposição de impostos e tributos”<sup>13</sup>.

O sistema escravista se esvazia de sentido na consciência de Paulo. Convoça os gálatas à liberdade, vocação mais profunda para a qual fomos chamados: “Paulo desconstrói o sistema escravista afirmando aos gálatas que é para liberdade que eles foram chamados (Gl 5,13) e que deviam permanecer firmes não se deixando sujeitar de novo ao jugo da escravidão (Gl 5,1b). Paulo coloca em jogo a tensão entre ser livre ou submeter-se à escravidão, uma metáfora muito real na economia escravista romana”<sup>14</sup>.

Não se pode ignorar nas páginas paulinas a força da glorificação do Ressuscitado. A pior escravidão da qual Jesus nos libertou foi o pecado. Paulo reflete este aspecto tão profundamente em suas palavras aos romanos: “Já demonstramos que judeus e gregos estão todos sob o domínio do pecado, como está escrito: não há nenhum justo, não há um sequer” (Rm 3,9b-10). A epístola aos Romanos acentua a preocupação paulina em incutir nos cristãos a consciência da graça. Nossa impossibilidade conatural nos impede de sermos salvos. E a salvação apocalíptica se reporta ao novo *éon*. Assim, o Cristo glorificado de Paulo quer desfazer os grilhões do pecado que nos atam ao velho mundo e nos tornam escravos dele. Não se deve, então, subtrair das letras paulinas a ideia de transcendentalização da liberdade. Cristo nos liberta também do pecado. Mas não só dele.

A liberdade em Gálatas tem fulcro histórico. Trata-se de uma liberdade totalizante, intra e supra-histórica. Materializa-se na vida: “Um escravo pode ser comprado para estar à disposição de seu patrão. Pode-se, porém, resgatá-lo (remi-lo) para que tenha a liberdade”<sup>15</sup>. Sem poder falar abertamente contra a estrutura de escravidão que dominava o mundo conhecido, o paulinismo procurou equilibrar as relações senhor-escravo, abrandando a carga de sofrimento que pesava sobre os últimos.

Contudo, a liberdade apregoada pelo Apóstolo não se restringe a contemplar os escravizados de fato. A liberdade se alarga e envolve todas as condições étnicas e sociais, pois “para Deus não há acepção de pessoas” (Rm 2,11), o que constitui, para o judeu, um escândalo e ultraje. Paulo desconstrói a velha crença judaica de distinção étnica, estabelecida no rito da circuncisão e consumada pela jurisprudência mosaica. E mostra-se firme na sentença: “Se vos fizerdes circuncidar, Cristo não vos

13. REIMER, Ivoni Richter. *Patriarcado e economia política: o jeito romano de organizar a casa*, p. 74.

14. MÍGUEZ, Nestor O. *La Carta de Pablo a los Gálatas: cuando la libertad no es (neo)liberalismo*, p. 86-87.

15. FERREIRA, Joel. *Gálatas: a epístola da abertura de fronteiras*, p. 82.

servirá mais para nada” (Gl 5,2). Dessa forma, disse Paulo, não há judeu nem grego (Gl 3,28), propondo a liberdade que haure de Cristo a todas as nações e grupos humanos: bárbaros, celtas, frígios etc. Ora, não havendo superioridade de um grupo sobre outro, de vez que todos em Cristo são livres e iguais, esvazia-se o autoritarismo romano que se põe no comando das províncias avassaladas. Cai por terra também a pretensão do judaísmo de eleição, “pois, para quem está em Jesus Cristo, nem a circuncisão, nem a incircuncisão são eficazes, mas a fé que age pelo amor” (Gl 5,6).

Quando se admite que as fronteiras entre escravidão e liberdade se desfazem em Cristo, o próximo passo é afirmar que o modo de produção escravista não tem razão de existir e que a escravidão objetiva deve ser abolida, pois a propriedade privada móvel da classe de escravos não encontra sustentabilidade na lógica cristã. Ao se admitir a não aceção do gênero humano, onde homem e mulher se nivelam na ordem da graça, o passo seguinte é supor que o regime patriarcal romano, piramidal e subjugador, tem que ser substituído e revidados os papéis sociais da mulher e do homem.

Assim, podemos classificar Gl 3,28 como uma das mais ousadas declarações acerca das relações sociais igualitárias, perfeitamente consonante com Gl 5,1 em que Paulo atesta: “É para sermos verdadeiramente livres que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes, e não vos deixeis sujeitar de novo ao jugo da escravidão”. Os níveis de liberdade são oniabrangentes: etnia, gênero e classes. Ora, apregoando uma liberdade holística, Paulo lança as bases teóricas para a implantação de uma comunidade horizontal que será melhor definida na redação dos Atos dos Apóstolos.

Todo o edifício ideológico-político do Império Romano sucumbiria, ruindo de cima a baixo, se aderisse ao modelo de relações paulino. A afetação dos modos de produção do Império causaria uma desestabilização geral. E o nivelamento sócio-político-econômico não encontraria jamais previsibilidade operacional numa civilização que se move dentro dos parâmetros da desigualdade. Assim, o meio social vigente demonstrava aversão à mensagem de Jesus, desejosa de um igualitarismo onipresente. Para Jesus a sociedade é o lugar de todos porque nela se implanta o reino de Deus, que “é um reino ideal no qual não há guerras nem dominação, nem fome ou discriminação, pois todas as pessoas são preciosas aos olhos de Deus”<sup>16</sup>. A mensagem cristã fatalmente colidiu com a velha maneira de se conceber família, Estado e sociedade.

Não se deve esquecer que Gl 3,28 só é compreensível em conexão com os versos 26 e 27: “Pois todos vós sois, pela fé, filhos de Deus, em Jesus Cristo. Sim, vós todos que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo”. A liberdade que Paulo defende se condiciona à fé, pois é unicamente pela graça que nos tornaremos capazes de romper nossos velhos preconceitos e aqueles outros tantos que nos são impostos de fora. Nessa carta aos gálatas percebe-se claramente que viver em Cristo

16. TAMEZ, Elsa. *As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo*, p. 10.

é viver em liberdade, e sujeitar-se à lei é retornar à escravidão”<sup>17</sup>. Quem abraça a fé não se sujeita mais aos rudimentos deste mundo. Em Cristo abre-se um modo novo de viver, de enxergar a própria vida e de relacioná-la com o semelhante. Busca-se, então, o reino de Deus e sua justiça em primeiro lugar. A proposta inaugurada prevê uma equivalência de tudo em todos pela ascensão dos fracos, oprimidos, excluídos, humilhados, pobres.

#### 4. A carta e a atualidade

Os temas da Carta aos Gálatas fomentam uma idealização de relações sociais não facilmente ajustáveis à realidade. Revelam, logo de início, nitidamente a presença de uma comunidade multicultural. As primeiras letras da carta atestam essa verdade. A Galácia acolhia dentro de si etnias diversificadas e, a partir delas, acomodava credos, línguas, costumes os mais diversos. Roma sabia perfeitamente lidar com o diferente. Concedendo determinada cota de liberdade religiosa, dosava a carga de tensão oriunda de seu domínio político-econômico. E conseguia equilibrar a opressão política da vassalagem concedendo a livre prática da religião dominada. Dando-se a César o tributo, poder-se-ia ofertar a Deus o louvor...

A mentalização de uma estrutura comunal, dentro de uma província romana do I século, não pode ser aceita sem prévia reflexão. Como se relacionavam as diversas etnias dentro daquela comunidade cristã? Predominava uma perfeita simetria entre homens e mulheres, livres e escravos, judeus, gregos e bárbaros? Sociologicamente falando, os gálatas conseguiram, embora imersos na assimetria do Império, instaurar os elevados ideais de Nosso Senhor? Constituíram uma sociedade igualitária, sem fortes contrastes? Uniram estrangeiros e autóctones? Pacificaram as relações entre senhor e escravo? Nivelaram os direitos de homem e mulher?

Ora, os conflitos demarcados pela mão do redator insinuam que o processo de incorporação da mensagem evangélica ainda se encontrava, na comunidade da Galácia, em seus preâmbulos. A assembleia de Jerusalém, descrita no segundo capítulo, exemplifica as tentativas de ajuste entre teoria e práxis evangélica. Muita estrada tinha que ser percorrida. Muitos impasses a serem solucionados.

Manter o cristianismo sob o jugo do judaísmo poderia ser uma alternativa viável para as mentes fracas. Entre a convivência pacífica com Roma e com os irmãos de etnia, e a desestabilização dessa convivência, a melhor escolha seria a da harmonização. Isentaria os neófitos cristãos de maiores problemas com a política imperial e com a religião judaica. Acasalaria, hibridamente, Jesus com Zeus e Javé. Contudo, tal aliança serviria para perpetuar as antigas relações assimétricas que distinguiam judeus de não judeus, fixando o aspecto separatista já existente.

Essa alternativa de conciliação abalroava-se com o Evangelho pregado por Paulo. O teor da missiva demonstra a incompatibilidade abissal entre a Boa-Nova e a

17. TAMEZ, Elsa. *Contra toda condenação: a justificação pela fé, partindo dos excluídos*, p. 123.

estrutura mantenedora estatal. Assim, conciliar não era possível. Chegar a um meio-termo constituía uma conquista ilusória. A grande questão não circula nos limites do *e...e*, mas do *ou...ou*. Jesus *e* a Torá não propiciam intercessão; a mensagem de Gálatas é Jesus *ou* a Torá, a liberdade *ou* a escravidão, a salvação pela Lei *ou* a remissão pela Graça, a coragem *ou* a renúncia.

A carta, vista por esta ótica, pode ser lida com funcionalidade admoestativa. Não atesta um caminho de conversão na comunidade formada. Assemelha-se, antes, a uma espécie de ideário a ser seguido. Há muitas questões não resolvidas no explícito e nas entrelinhas da epístola. O cristianismo autêntico ainda não fora implantado em sua substância. A partilha, a solidariedade, a vida comunal, a caridade nas relações, a ausência de preconceitos étnicos e de gênero apresentam-se como ideais de conquista, não como realidades conquistadas.

Com efeito, vivendo dois milênios de implantação do cristianismo ainda estamos por ver o pulular desse ideário. Nossos olhos contemporâneos continuam enxergando o trabalho escravo e as múltiplas formas de escravidão que constroem tantos homens. Nossos ouvidos são feridos ainda pelo grito de dor da mulher. Não a dor benfazeja do parto, mas a dor das lágrimas, da violência sofrida, da discriminação no emprego. Nossas bocas insistem em pronunciar a ignomínia da miséria social, vomitando o contraste de uns que tudo têm e de tantos que nada possuem.

No tempo dos gálatas e nos dias atuais, ansiamos o despontar dessa fala de Paulo: não há gregos, não há judeus, não há homens, não há mulheres, não há escravos, não há livres, não há negros ou arianos, somos, na liberdade, na diversidade, na livre-expressão, na partilha dos bens uma só comunidade em Cristo Jesus. Dessa forma, o texto aos Gálatas conserva seu caráter desafiador aos cristãos de todos os tempos. Nem aquela comunidade do albor da fé, nem nós, que nos encontramos na maturidade ou no ocaso, enraizamos no nosso ser a completude dos dizeres do Apóstolo. A mensagem de Gálatas nos propõe a saída de nosso comodismo espiritual, lançando-nos, em rosto, o sério desafio de abraçarmos Jesus nos nossos irmãos ou César no nosso egoísmo.

## **Bibliografia**

FERREIRA, Joel Antônio. *Gálatas, a epístola da abertura de fronteiras*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. *Paulo, Jesus e os marginalizados: Leitura conflitual do Novo Testamento*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás Editora América 2009

GARCIA, Miguel Salvador. *Carta aos Gálatas*. In: *Comentário ao Novo Testamento*, vol. III. São Paulo: Ave-Maria, 2006.

GIAVINI, Giovanni. *Gálatas: liberdade e lei na Igreja*. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulinas, 1987 (Pequeno Comentário Bíblico do NT).

JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Trad. Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

MÍGUEZ, Nestor O. *La Carta de Pablo a los Gálatas: cuando la libertad no es (neo) liberalismo*. Buenos Aires: ISEDET, 2002.

REIMER, Ivoni Richter. *Patriarcado e economia política: o jeito romano de organizar a casa*. In: REIMER, Ivoni Richter (org.). *Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: CEBI; Sinodal, 2006, p. 72-97.

ROPS, Daniel. *História da Igreja de Cristo: vol. I: a Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. Trad. Eduardo Pinheiro. Porto: Livraria Tavares Martins, 1956.

MALINA, Bruce J. *O evangelho social de Jesus: o reino de Deus em perspectiva mediterrânea*. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2004.

TAMEZ, Elsa. *As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo*. Tradução de Beatriz Affonso Neves. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

\_\_\_\_\_. *Contra toda condenação: a justificação pela fé, partindo dos excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995.

professorclodoaldo@hotmail.com

Rua T-48, Qd 46, Lt. 1/2 18/22, Número 559, Ed. Cartago, Apto. 1.503

Setor Bueno

Goiânia, GO 74210-190